



Djalma Santos, Pelé e Garrincha

Copa de 1958

Memórias de ouro

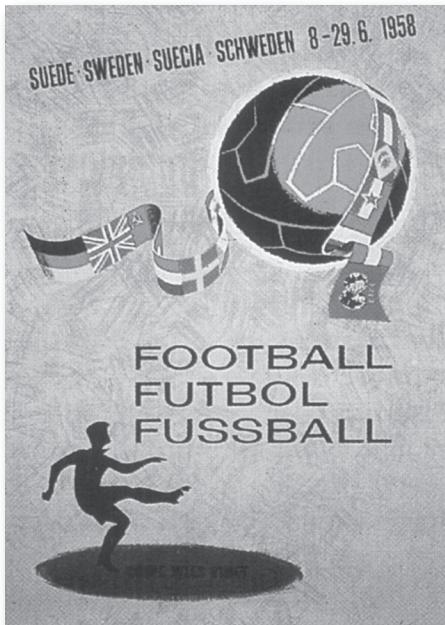
O primeiro dos cinco títulos mundiais de futebol

JULIANA MAIOLINO, PAULO MAURÍCIO E RAPHAEL ANDRIOLI

No ano de 1958, a então seleção brasileira formada por craques como Pelé, Zagallo, Garrincha, Didi, Nilton Santos deram o pontapé inicial para que o futebol brasileiro se tornasse referência em todo o mundo. A seleção nacional conquistava a primeira Copa do Mundo de sua história, se tornava a primeira equipe sul-americana a vencer um mundial na Europa. Também foi nessa época o nascimento do rei do futebol – o ainda garoto de 17 anos Edson Arantes do Nascimento. Passados 50 anos, o brasileiro acabou se acostumando a comemorar: foram mais quatro títulos em Copas (1962, no Chile; 1970, no México; 1994, nos Estados Unidos; e 2002, na Coréia e Japão).

Em 1957, a classificação para a Copa que se seguiria foi complicada. As únicas seleções sul-americanas que estavam na disputa eram Peru e Brasil. Apenas dois jogos decidiram a vaga: o primeiro no Estádio Nacional de Lima, no Peru, com o placar de 1 x 1, e o segundo no Maracanã, no Rio de Janeiro, com placar de 1 x 0, gol de Didi batendo uma folha seca. Vitorioso nos embates com os peruanos, o Brasil se classificou para a Copa do Mundo de 1958.

Nessa época, o futebol brasileiro ainda estava desacreditado devido à derrota para o Uruguai em 1950 no Maracanã e à participação mediocre no torneio



seguinte – em 1954, o Brasil não chegou às quartas-de-final. A imprensa, por sua vez, publicava artigos que faziam com que os brasileiros não esquecessem as desilusões anteriores.

A campanha para a Copa de 58 começou ainda em 1957 quando Paulo Machado de Carvalho, advogado, empresário paulista e chefe da Comissão Técnica, pediu a João Havelange, então presidente da Confederação Brasileira de Desportes (CBD), atual CBF, um planejamento para a viagem da seleção. Neste planejamento deveriam estar incluídas todas

as regras a serem respeitadas e as informações essenciais para um bom resultado da equipe. O plano apresentado levou o seu nome: *Plano Paulo Machado de Carvalho*. Uma das novidades exigidas pelo plano foi a formação de uma comissão técnica composta por massagista, dentista, médico, preparador físico, psicólogo, pedicuro e roupeiro, entre outros. Vicente Feola, então técnico campeão brasileiro com o São Paulo Futebol Clube foi o escolhido para dirigir a seleção. Pela primeira vez a comissão seria específica e extensa, com cada homem ocupando sua posição numa organização nunca antes vista. João Havelange nomeou Carlos Nascimento como supervisor.

Com posições bem definidas, os relatos da época mostram que comissão e jogadores formavam uma

grande família. O tripé de comando composto por Feola, Nascimento e o próprio Paulo Machado de Carvalho era comumente aconselhado por jogadores mais experientes, como Didi e Nilton Santos.

O psicólogo da equipe, Dr. Carvalhaes dizia que Garrincha não estaria apto a participar da Copa, pois o resultado de seus exames psicotécnicos registrou não haver maturidade suficiente no jogador para participar de um torneio tão importante. No entanto, dentro de campo Garrincha provou que era justamente o seu lado criança que o fazia jogar futebol com tanta alegria e "irresponsabilidade" tal como se estivesse jogando uma pelada.

Com todas essas providências administrativas, mesmo que a equipe não saísse vitoriosa, os dirigentes mostrariam a disposição de eliminar as semelhanças com os comandos de 1950 e 1954, que não conseguiram levar o país a vitória.

As Copas anteriores

Em 1950 o campeonato foi realizado no Brasil e o Estádio do Maracanã, palco da partida final, foi construído especialmente para o evento. No dia 16 de julho, quase 200 mil torcedores se calaram perplexos com a vitória uruguaia, um deles era Mario Jorge Lobo Zagallo.

"Eu estava no exército, tinha 19 anos, e tive a oportunidade de ver a final de 1950 entre Brasil e Uruguai. Foi uma festa magnífica, inesquecível, mas no final veio a tristeza geral e o Brasil perdeu por 2 x 1. Nunca imaginei que oito anos depois estaria vestindo a amarelinha" – afirmou Zagallo.

Em 1954, após 16 anos, a Europa voltava a sediar a Copa do Mundo, dessa vez os jogos foram realizados na Suíça.

Essas duas Copas foram marcos negativos na história do futebol brasileiro e precisavam ser esquecidos ou ao menos superados. O povo brasileiro acabou ficando com um "complexo de inferioridade", conforme dizia o jornalista Nelson Rodrigues. Esse conceito foi a base de discussão para o Plano Machado de Carvalho. A premissa para qualquer convocação deveria ser: homens de caráter forte antes de craques. Isso significava deixar de fora da competição grandes nomes que haviam jogado em 1954 e até mesmo em 1950, decisão muito questionada pela imprensa brasileira.

O regime de concentração também seria diferente do das seleções anteriores, em 1958 os jogadores e toda a comissão técnica ficaram confinados durante três meses, deixando para trás mulheres, filhos e outros compromissos. Além disso, outras medidas





Legendas da página anterior: acima um treino da seleção, abaixo o técnico Feola e o preparador físico Paulo Amaral vibrando num gol do Brasil; nesta página: Didi um dos jogadores líderes do time brasileiro, Zagallo o "formiguinha" e Paulo Machado de Carvalho, responsável pelo planejamento do escrete brasileiro

foram tomadas para que a concentração da equipe não fosse atrapalhada. Djalma Santos, considerado o melhor lateral direito da Copa, mesmo só tendo jogado a partida final, tinha o hábito de ler histórias em quadrinhos e preferia ficar no quarto com seus gibis a ir passear com outros jogadores, contrariando as recomendações dos dirigentes nos dias de domingo. Esse hábito foi respeitado por Paulo Machado, mesmo achando importante o passeio pelas cidades onde a seleção estava concentrada. Para “aliviar” a tensão dos jogadores, segundo Paulo Planet Buarque, algumas mulheres suecas eram contratadas para satisfazer os desejos sexuais, mas não sem antes serem examinadas pelo médico Hilton Gosling.

Muitas histórias são contadas em torno do ambiente da concentração, seja em Poços de Caldas (MG), Araxá (MG) ou no hotel no qual a seleção ficou hospedada em Hindas, na Suécia. Os negros eram a sensação das moças suecas, e todos, sem distinção de beleza, eram vistos como “deuses de Ébano” e os primeiros a conseguir companheiras loiras para passeios e festas. Numa ocasião de celebração pela vitória do scratch, ou time, no qual o menino-ídolo, Pelé, não quis participar, Moacir se fez passar pelo craque com o intuito de conseguir as moças loiras que estavam à procura do craque goleador. Essa história é comumente lembrada em entrevistas sobre a época.

As partidas

O primeiro confronto da equipe brasileira foi contra a Áustria. Para vencer o descrédito era necessário vencer o primeiro jogo. Mesmo entrando em campo com esse pensamento, o scratch passou os primeiros 20 minutos de jogo quase sem tocar na bola. Achando que seria uma partida fácil, os austríacos se desculparam da defesa, e abriram chance para três contra-ataques com possibilidades de gols. O Brasil soube aproveitar as raras oportunidades e a partida terminou em 3 x 0. Nesse jogo foi testado o esquema 4-3-3, no qual Zagallo cobria Nilton Santos quando esse tentava se aproximar dos atacantes. A tática teve bom resultado e, nos jogos seguintes, Nilton Santos atuou mais próximo ao ataque. Até hoje o 4-3-3 é utilizado, mas para a época era um esquema totalmente inovador. Dessa organização tática se devem os três gols da partida, que saíram de tabelas entre Nilton Santos (dois gols) e Mazzola (um gol).

O segundo jogo foi contra a Inglaterra onde se obteve um magro empate de 0 x 0 e o terceiro jogo, fundamental para a classificação às quartas de final, foi contra a URSS. Para esse jogo Feola, pressionado por



Inglaterra e País de Gales foram adversários difíceis



Vavá, centro-avante e artilheiro

Nilton Santos, Didi e Bellini, escalaria o time com a presença de Pelé, Zito e Garrincha. Resultado: Brasil 2 x 0, dois gols de Vavá.

O quarto confronto, contra o País de Gales, é considerado por alguns jogadores o mais difícil de toda a campanha brasileira. Os adversários jogavam com 10 atrás e um recuado, como se dizia na época. Era a defesa mais cerrada e violenta de toda a Copa e parecia um milagre furar aquele paredão. Gales praticamente não atacava e o Brasil não conseguia ultrapassar a linha do meio campo. Mas, com grande habilidade e inteligência, Pelé se posicionou na área de costas para o marcador como se não tivesse possibilidades de receber a bola que seria passada por Didi. Num lance rápido, o menino se desvirou, esperou a bola quicar no chão e encobriu a zaga galesa com um chapéu jamais esquecido. Esse foi considerado o gol mais bonito de todo o campeonato. O que parecia impossível aconteceu e ao vencer a seleção do País de Gales por 1 x 0 o Brasil se classificava para a semifinal contra a França.

A semifinal

Estava por vir o tripé do ataque mais famoso da Copa: Fontaine, artilheiro do campeonato com 13 gols em seis jogos, Piantoni e Kopa. A França era a equipe que jogava um futebol muito semelhante ao da seleção brasileira e, como ambas as seleções tinham grandes jogadores, a partida prometia grandes momentos. O Brasil temia o ataque francês, mas a vitória contra Gales encheu o coração dos jogadores de confiança e vontade para superar mais um desafio. Enquanto a França se preocupava apenas em atacar, o Brasil além de atacar, se defendia. O resultado do confronto foi 5 x 2 para os brasileiros com três gols de Pelé, um de Vavá e um de Didi. Fontaine marcou aos nove minutos do primeiro tempo e Piantoni descontou para os europeus faltando 10 minutos para o apito final. Com esse resultado, o Brasil se classificou para disputar a final da Copa contra a dona da casa, a Suécia.

A final

Como as duas seleções tinham uniformes oficiais onde predominavam a cor amarela, foi realizado um sorteio para resolver quem teria o privilégio de usar o uniforme oficial. A Suécia ganhou o sorteio e obrigou o Brasil, a seleção da amarelinha, a jogar com camisa de outra cor. Foi então encomendado um uniforme de cor azul e Paulo Machado de Carvalho, ao perceber que os jogadores, mesmo os não supersticiosos, tinham

ficado desolados com a mudança da camisa oficial, passou a dizer a todos que o Brasil ia ganhar a Copa porque ia jogar a final com a cor do manto sagrado de Nossa Senhora Aparecida, santa da qual ele era muito devoto. O argumento surtiu efeito e a nova motivação criada pelo chefe da delegação, acalmou os jogadores que voltaram a confiar na vitória.

"Ele puxou pelo lado da fé, do sagrado, para nos motivar na final. A camisa azul foi feita na Suécia e colocaram o escudo da CBD lá mesmo", afirmou Zagallo. A Suécia contava com os craques Liedholm, Hamrin e Nakka Scoglund para derrotar os brasileiros. Com o lateral direito De Sordi sem condições de jogo, entrou Djalma Santos. Mais uma vez a imprensa brasileira não perdoou e alardeou uma possível derrota brasileira por culpa de De Sordi estar com medo dos suecos. Paulo Amaral, preparador físico fez testes com o jogador até a véspera da partida final, mas o lateral ainda sentia dores quando o músculo lesionado era forçado. Djalma Santos ainda não havia entrado em campo oficialmente, mas se mostrava pronto para enfrentar os loiros suecos, assim como enfrentava seus companheiros de equipe nos treinos. Com certeza não era a partida mais difícil para o selecionado brasileiro, mas naquele dia, vieram à cabeça dos jogadores as derrotas de 1950 e 1954. A tensão era expressão dominante em todos os rostos enfileirados para ouvir o hino nacional.

"Na decisão de 1958, quando tomamos o primeiro gol e saímos perdendo para a Suécia, me lembrei da final de 1950, mas reagimos e ganhamos de 5 x 2. Foi uma partida inédita e inesquecível", confessa Zagallo.

Além da tensão pela entrada de Djalma Santos, havia outro fator que provocava grande angústia nos brasileiros: a chuva. Na madrugada anterior ao jogo havia chovido muito em Estocolmo e algumas providências deveriam ser tomadas para amenizar as dificuldades da grama pesada. As travas das chuteiras já estavam sendo trocadas quando Paulo Amaral viu alguns homens retirando uma lona grossa do campo e alguns outros retirando a água que havia escapado com grandes esponjas. Para os suecos seria vantagem jogar com chuva, pois os brasileiros não estavam acostumados com a grama pesada, mas a organização da Copa se precaveu e cobriu o gramado no dia anterior com uma lona que não deixava a água escoar para o campo de jogo. A chuva não mais atrapalharia os planos brasileiros.



Garrincha entortava os beques europeus



Nilton Santos, a encyclopédia do futebol

O início do confronto foi tranquilo até o quarto minuto de partida quando, por um descuido da defesa brasileira, Nils Liedholm abriu o placar. O primeiro pensamento de todos os jogadores, comissão e também daqueles que acompanhavam a partida pelo rádio era “será que vamos repetir o vexame de 1950”? “Será que mais uma vez o Brasil não sairá vitorioso mesmo tendo tantos jogadores excepcionais?”. Num time que tinha Nilton Santos, Pelé e Garrincha, Didi foi considerado pela crítica esportiva da época o melhor jogador da Copa. Após o gol de Liedholm, os jogadores pareciam não ter mais ânimo para continuar, como disse o próprio Didi, “pareciam ter perdido todo o sangue do rosto”. Vendo que seus companheiros haviam se desesperado e que só conseguiam ter na mente a derrota no Maracanã para o Uruguai, o deus etíope caminhou tranquilamente desde o meio campo até dentro do gol brasileiro. Pegou a bola que ainda estava encostada à rede e, com “a menina” nos braços, foi andando novamente em direção ao meio do campo. Com quem encontrou pelo caminho, Didi falou palavras animadoras e aos companheiros do Botafogo, como Nilton Santos, lembrou da vitória do time contra a equipe sueca. Alguns jogadores ficaram nervosos com a atitude de Didi, achavam que tinham que correr para tentar reverter o marcador. Zagallo foi ao encontro do companheiro e tentou convencê-lo a se apressar. Didi não ouviu os conselhos e terminou ainda muito tranquilo seu percurso, como se dissesse ao mundo: “Vamos virar. Ainda temos 86 minutos de partida. O nosso desespero é a maior arma sueca”. Calmamente, Didi posicionou a bola no centro do campo e esperou o apito do árbitro francês Guigue para reiniciar a peleja. No lance seguinte, Didi lançou a bola para Garrincha que conduziu com categoria até à grande área sueca e chutou rente à trave. Com menos de seis minutos de partida, os brasileiros chutaram duas vezes ao gol sueco, mostrando que o gol de Liedholm não seria capaz de acabar com a sede de gols de Garrincha, Pelé e Vavá. Aos sete minutos, Zagallo salva de cabeça uma bola lançada por Nakka Scollund que estava sem alcance para o goleiro Gilmar. Aos nove minutos Vavá surpreendeu a zaga sueca e marcou um bonito gol. Com 10 minutos de partida já estava 1 x 1 e os brasileiros, graças à sabedoria de Didi, já estavam recuperados do trauma do primeiro gol. Vavá voltou a marcar aos 32, Pelé aumentou aos 55 e Zagallo tranquilizou a todos com um gol de bico aos 68. O placar estava em 4 x 1 e os depoimentos de hoje apontam o quarto gol como o divisor de águas entre a certeza da vitória e as lembranças de



Mais um gol brasileiro

1950. Agne Simonsson chegou a marcar faltando apenas dez minutos para o fim do jogo, deixando o placar em 4 x 2. Mas Pelé queria mais e com um toque de Garrincha que o deixou livre, o rei marcou um lindo gol. Sem conseguir conter a emoção de ser campeão do mundo aos 17 anos, o menino desmaiou logo depois de chutar a bola e ver a rede balançar. Garrincha correu para socorrê-lo e logo chegaram outros jogadores. Entretanto, a alegria era tanta que aquele momento tenso perdeu importância e todos já comemoravam em volta do rei. Já consciente, Pelé foi levantado por Garrincha e Didi que o carregaram feito troféu ao lado de todos os outros jogadores brasileiros e membros da comissão técnica. A partida que não teve um apito final devido à confusão com o desmaio do craque, terminou em 5 x 2 com a equipe aplaudida de pé por todos os torcedores suecos no Estádio de Rasunda, em Estocolmo. Os brasileiros se divertiam em campo e, em



especial Garrincha, fazia rir os torcedores de todas as nacionalidades.

“Com apenas 17 anos, o Pelé já tinha um nível técnico muito bom e não sentiu o peso de uma Copa do Mundo. De fato, ele era um gênio e foi o melhor jogador do Mundo. Outro igual não vai aparecer nunca, mas a gente não pode esquecer do Garrincha, que foi outro grande jogador que o Brasil já teve” – lembra com saudades o companheiro Zagallo.

A torcida, quase em totalidade sueca, pedia para não terminar o jogo, pois estava se divertindo vendo o confronto. A beleza aliada à técnica de futebol, a calma e o comando em campo de Didi, as pernas tortas de Garrincha que deixaram Axbox sem saber como marcá-lo, os gols do craque Pelé e do “leão da Copa” Vavá, a felicidade em campo, a harmonia dos jogadores e até mesmo o técnico gordo, Vicente Feola, deixaram a Suécia perplexa e comovida. No final da partida, como forma de agradecimento por terem

“A chegada no Brasil foi indescritível. Jamais poderíamos imaginar que tinha público nos esperando desde o aeroporto até o Palácio do Catete”

Zagallo

sido tão bem recebidos na concentração em Hindas e por terem sido aplaudidos de pé por torcedores normalmente muito contidos, a seleção brasileira correu em volta do campo com a bandeira sueca estendida. Aquele gesto retribuiu com igual dignidade a presença do rei sueco Gustav II ao campo para entregar pessoalmente a taça Jules Rimet ao selecionado brasileiro de 1958.

O episódio da presença do rei no gramado permitiu um acontecimento verídico que resume o espírito brasileiro e de algumas individualidades da equipe. Com todos reunidos em volta de uma figura tão ilustre que se mostrava igualmente feliz pela vitória brasileira, Mário Trigo, o “dentista anedoteiro”, lançou um desafio a Garrincha: falar com o rei. Sem pensar duas vezes Mané responde a Trigo: “King? Que King?”. Era o moleque da pequena cidade de Pau Grande que vivia aquele momento como se estivesse ganhando uma garrafa de guaraná como aposta do amigo Bigode após uma partida num terreno de terra batida.

O retorno vitorioso

A volta ao Brasil foi de pura alegria dentro do avião, o mesmo avião da Panair, com o mesmo comandante a bordo, o Cmte. Bungner, que havia levado com muita tensão a equipe para a Suécia. A primeira escala foi no Recife onde os campeões foram recebidos com muita festa nas ruas e fizeram um desfile no carro de bombeiros. O capitão Bellini erguia com orgulho a taça que, pela primeira vez, estava em solo brasileiro. Em seguida, o avião foi para o Rio de Janeiro, onde, além de muita comemoração nas ruas, houve uma festa para os jogadores organizada pela revista O Cruzeiro.



À esquerda, Belini, Feola e Gilmar com a Taça Jules Rimet, acima à direira o choro de Gilmar após a vitória na final e abaixo, a recepção aos jogadores com a presença do presidente Juscelino Kubitschek

"A chegada no Brasil foi indescritível. Jamais poderíamos imaginar que tinha público nos esperando desde o aeroporto até o Palácio do Catete. O pessoal da revista O Cruzeiro criou um palanque com as esposas dos jogadores, que estavam nos esperando. Foi realmente muito lindo", conta Zagallo.

"Choramos feito crianças", palavras de Zagallo, que viu Pelé abraçado nos ombros de Gilmar e Nilton Santos, assim como o próprio "Velho Lobo". A maioria não chorou em campo e hoje alega que a perplexidade diante do fato era tanta que não havia lágrimas para cair. Os donos do mundo da bola só entenderiam de fato a importância da conquista quando chegaram ao Brasil e entraram em contato com a realidade que haviam deixado para trás três meses antes. Eles conquistaram o primeiro dos cinco títulos mundiais da seleção brasileira de futebol.



Vocabulário futebolístico da época

Arqueiro - goleiro

Goal kipper - goleiro

Half-back - zagueiro central

Beque - zagueiro

Corner - escanteio

Tiro de canto - escanteio

Banheira - impedimento

Hands - mão na bola

No filó - na rede

Jogar o fino - boa atuação

Balisa - trave

Scratch - time

Selecionado - time

